

DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO E INDECISÃO VOCACIONAL

Paulo Jorge SANTOS
Faculdade de Letras, Universidade do Porto

Joaquim Luís COIMBRA
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto

Apresenta-se uma proposta de categorização e analisam-se as três grandes abordagens que dominaram a investigação sobre a indecisão vocacional nas últimas décadas: a abordagem epidemiológica, que se centrou na determinação da percentagem de estudantes indecisos, a abordagem diferencial, que procurou encontrar diferenças entre sujeitos decididos e indecisos, e a abordagem desenvolvimental, que enfatizou o processo que conduz à indecisão e não o seu conteúdo. Algumas investigações relativas a cada uma destas abordagens são apresentadas. Analisa-se a evolução do constructo da indecisão vocacional e a transformação paralela dos instrumentos de avaliação. Apresenta-se uma linha de investigação, mais recente, que procurou conceptualizar a indecisão vocacional com base em pressupostos oriundos das teorias familiares sistémicas, e os resultados das principais investigações que tentaram testar empiricamente este modelo. Finalmente, abordam-se algumas evoluções possíveis do constructo da indecisão vocacional.

1. A evolução histórica da abordagem da indecisão vocacional

O desenvolvimento vocacional, nomeadamente de adolescentes e jovens adultos, constitui uma temática amplamente estudada nas últimas décadas segundo diferentes perspectivas teóricas (Crites, 1981).¹ Uma parte significativa destas abordagens atribui grande importância ao processo de escolha ou decisão vocacional. Chartrand e Camp (1991) consideram que dentro desta área teórica se desenvolveram três linhas de investigação. A primeira analisou a decisão vocacional como um processo evolutivo que ocorreria ao longo de vários estádios desenvolvimentais, como é o caso da teoria de Harren (1979). Uma segunda linha de investigação analisou e testou modelos de tomada de decisão baseados, essencialmente, em teorias racionalistas clássicas de decisão (Janis & Mann, 1977). Finalmente, uma terceira linha de pesquisas procurou identificar e diferenciar variáveis individuais no processo de decisão vocacional, debruçando-se sobre a indecisão vocacional e os estilos de decisão. Em termos históricos, o interesse dos investigadores centrou-se, primeiro, na indecisão e só posteriormente no processo de escolha ou decisão vocacional.

A revisão da literatura permitiu-nos identificar diferentes tipos de conceptualizações que, ao longo, do tempo, dominaram a área da indecisão vocacional. Designamos estas abordagens de epidemiológica, diferencial e desenvolvimental.

1.1. A abordagem epidemiológica

Slaney (1988) identifica duas preocupações fundamentais que dominaram inicialmente a investigação sobre a indecisão vocacional. A primeira, que poderíamos designar de epidemiológica, pretendia determinar a percentagem de estudantes indecisos relativamente ao seu futuro escolar e profissional. A maioria das investigações socorreu-se de estudantes, normalmente universitários, classificados de decididos ou indecisos em função de terem efectuado ou não a escolha de uma área de especialização para prosseguimento de estudos.² As percentagens encontradas variam de estudo para estudo. Crites (1969), por exemplo, realizou um levantamento das investigações desde os anos 20 até ao início da década de 60, constatando que a maioria das investigações encontra uma percentagem média de estudantes indecisos que oscila entre os 20% e os 40%. Outros autores apontam valores um pouco mais elevados (Gordon, 1981), com as percentagens a sofrerem uma variação em função dos anos em que foram calculadas e do grau de ensino que os sujeitos frequentavam (ensino secundário *versus* ensino universitário). Deve considerar-se a possibilidade de um número mais realista poder ser superior, na medida em que estas estimativas avaliam somente os estudantes que declaram abertamente encontrar-se indecisos (Gordon, 1981).

Perante estas percentagens expressivas não se torna difícil perceber que a indecisão se tenha tornado um dos problemas mais estudados na área da psicologia vocacional (Borgen, 1991; Chartrand & Camp, 1991; Silva, 1994). O estudante indeciso era visto como um indivíduo incapaz de optar por um plano de estudos ou por uma profissão e esta incapacidade julgada uma característica negativa ou prejudicial. O estudante decidido, por seu turno, era percebido como alguém que revelava maturidade pessoal.

1.2. A abordagem diferencial

Uma segunda linha de investigação destacada por Slaney (1988), que poderemos designar de diferencial, tentou avaliar as diferenças entre estudantes decididos e indecisos. Pelo menos desde os anos 20, um imenso número de estudos, a esmagadora maioria de natureza correlacional, tentou isolar características que distinguíssem os dois tipos de sujeitos. As investigações centraram-se sobre variáveis que se julgavam relacionadas com a indecisão vocacional, como resultados académicos (Lunneborg, 1975, 1976), diferenciação de interesses vocacionais (Lowe, 1981), expectativas de auto-eficácia relativas às decisões vocacionais (Taylor & Betz, 1983) ou estilos de decisão (Osipow & Reed, 1985). Noutros casos, optou-se por analisar múltiplas variáveis em simultâneo, por vezes dezenas, com o objectivo de tentar encontrar, ainda que de forma tateante, características que diferenciassem os dois grupos (Ashby, Wall, & Osipow, 1966; Baird, 1969; Osipow & Gold, 1967).

É bastante difícil sumarizar os resultados destas investigações, uma vez que os seus resultados não permitiram encontrar um corpo coerente de resultados. Slaney (1988) refere que um grupo de estudos demonstra não existirem diferenças claras ou importantes entre estudantes decididos e indecisos, enquanto que um outro conjunto de investigações sugere a existência de diferenças, especialmente ao nível da personalidade, que favoreceriam os estudantes decididos. Apesar do enorme esforço colocado pelos investigadores neste tipo de pesquisas, o facto é que não se conseguiu obter nenhum conjunto de dados razoavelmente sólido que possibilitasse compreender melhor a indecisão vocacional.

É possível apontar várias razões que poderão explicar estes resultados. Antes do mais, a ausência de referências teóricas que orientassem conceptualmente as investigações. Tinsley

(1992) sustenta que a investigação sobre a indecisão vocacional se pautou por um quadro marcadamente atóxico que privilegiou, essencialmente, pelo menos a partir da segunda metade da década de 70, questões relacionadas com a avaliação.

Uma outra razão, que explicaria a ausência de diferenças, deve-se à reduzida sofisticação psicométrica dos instrumentos utilizados para avaliar a indecisão vocacional (Dowing & Dowd, 1988). Foi só com o aparecimento da *Career Decision Scale* (Osipow, Carney, & Barak, 1976) que a avaliação da indecisão passou a ser realizada através de um instrumento com as características comuns a outros de natureza psicométrica. Esta escala permitiu relançar a investigação neste domínio e serviu de inspiração para a criação de outros instrumentos que surgiram posteriormente (Chartrand & Camp, 1991; Neimeyer & Heesacker, 1992).

Finalmente, um outro factor que, provavelmente, terá tido um papel decisivo na explicação dos resultados oriundos do modelo diferencial reside na existência de vários tipos de sujeitos indecisos. Por outras palavras, o grupo de indivíduos indecisos não teria características homogéneas, facto susceptível de explicar os resultados confusos de alguns estudos que, ora encontram a existência de diferenças entre estudantes decididos e indecisos relativamente a algumas variáveis, ora não as encontram. A concepção da indecisão como constructo multidimensional parece razoavelmente consensual, embora não tenha sido ainda possível chegar a acordo quanto ao número e à natureza destas dimensões (Betz, 1992).

1.3. A abordagem desenvolvimental

Para além das abordagens já referidas, a epidemiológica e a diferencial, é possível identificar uma terceira que designamos de desenvolvimental. A abordagem desenvolvimental, ao contrário das anteriores, enfatiza o processo que conduz à indecisão e não tanto a indecisão propriamente dita.

Galinsky e Fast (1966) foram dos primeiros autores a defender, na sequência de Erikson (1968), o pressuposto de que o processo de escolha de uma profissão se encontrava intimamente relacionado com o processo de construção da identidade. Dificuldades na construção da identidade são frequentemente expressas em dificuldades na escolha vocacional. Quando o jovem não conseguiu construir uma identidade "sólida", questiona-se frequentemente sobre quem é ou o que é capaz de fazer. Nestas condições, é possível que os seus interesses sejam tão diversificados que uma escolha se torne difícil. Por vezes, surge a situação oposta, na qual se constata uma ausência de interesses que se destaquem e que funcionem como facilitadores do processo de decisão. Todavia, a situação mais frequente parece ser uma instabilidade de interesses. Primeiro, uma determinada opção parece ser a indicada, mas logo se revela decepcionante. Surge então uma alternativa que acaba por conduzir ao mesmo resultado e assim sucessivamente.

A investigação sobre o desenvolvimento vocacional e o desenvolvimento da identidade permitiu colocar em evidência alguns processos comuns aos dois tipos de desenvolvimento (Blustein, Devenis, & Kidney, 1989). Partindo deste pressuposto, seria de admitir que a indecisão vocacional fosse diferente consoante o estatuto de identidade dos jovens em causa: mais elevada nos estatutos de identidade moratória e difusa do que nos estatutos de identidade construída ou outorgada (Neimeyer & Heesacker, 1992).³

Recentemente, uma investigação de Vondracek, Schulenberg, Skorikov, Gillespie e Wahlheim (1995) tentou, pela primeira vez, avaliar empiricamente esta relação. Utilizando uma amostra de estudantes do ensino secundário, os investigadores verificaram que sujeitos classificados no estatuto de identidade construída obtiveram resultados mais baixos numa

escala de indecisão vocacional do que os sujeitos classificados nos três restantes grupos. O resultado mais surpreendente foi a constatação de que os indivíduos classificados no estatuto de identidade outorgada, que supostamente teriam aderido a escolhas e projectos oriundos dos seus pais ou de figuras de autoridade e que estariam, em princípio, menos indecisos sob o ponto de vista vocacional, não diferiam significativamente dos estudantes classificados nos estatutos de identidade difusão e moratória.

Gordon (1981) enfatizou, igualmente, a importância de se compreender a indecisão vocacional à luz das teorias do desenvolvimento psicológico, propondo uma integração das teorias de Super (1957), Tiedeman e O'Hara (1963) e Perry (1970), susceptível de ser aplicada à consulta individual. As teorias de Super (1957) e de Tiedeman e O'Hara (1963) permitiriam compreender quais as grandes tarefas a realizar no plano vocacional e quando é que socialmente se espera que elas sejam cumpridas. A teoria de Perry (1970), por seu turno, permitiria compreender como e quando o estudante se encontra preparado, no plano desenvolvimental, para realizar estas tarefas. O facto de um estudante se encontrar decidido quanto ao seu futuro não constitui uma situação positiva *de per se*. Gordon sustenta mesmo o seguinte: "Existem muito estudantes "decididos" (...) que necessitam do mesmo tipo de aconselhamento e intervenção disponibilizado aos indecisos" (Gordon, 1981, p. 438).

A abordagem desenvolvimental permite recolocar a questão da indecisão vocacional numa perspectiva diferente daquela que era proposta pelo modelo diferencial. Neste, a indecisão vocacional encontrava-se associada a um pólo negativo e a decisão a um pólo positivo. Trata-se, agora, numa perspectiva de promoção do desenvolvimento humano, de possibilitar a criação de oportunidades para que os estudantes possam, através de uma estratégia conjunta de desafio e apoio, progredir de um estágio desenvolvimental inferior para um outro superior. No plano das teorias estruturais-cognitivas, nomeadamente na de Perry (1970), é de esperar que no nível mais elevado de desenvolvimento, o do investimento no quadro do relativismo, os indivíduos se encontrem mais decididos no plano vocacional. Deve salientar-se, todavia, que esta decisão possui um valor desenvolvimental superior à que será de esperar encontrar em estádios inferiores que reflectem, muitas vezes, uma estrutura dualista do mundo que se consubstancia na adesão a projectos vocacionais de forma acrítica e superficial.

Dowing e Dowd (1988), à semelhança de Gordon (1981), propõem também que a investigação e a intervenção sobre a indecisão vocacional tomem em linha de conta os estatutos de identidade dos clientes, colocando em plano de evidência a importância do modelo de desenvolvimento psicossocial de Erikson (1968), adaptado por Marcia (1966, 1980, 1987). A teoria de desenvolvimento vocacional de Super (1953, 1957, 1980, 1984) e o modelo de tomada de decisão vocacional de Harren (1979) constituem, para estes autores, duas outras teorias susceptíveis de permitir um enquadramento teórico sólido que possibilite uma compreensão mais holística do fenómeno da indecisão vocacional que previna intervenções uniformes com clientes que, na realidade, apresentam necessidades muito diferentes.

As teorias desenvolvimentais permitem, assim, conceptualizar a indecisão vocacional à luz de uma abordagem que evita a conotação negativa que normalmente lhe era atribuída e que a enquadra na lógica de um determinado processo. Neste aspecto, o modelo desenvolvimental constituiu um avanço no plano teórico e nas implicações para a intervenção que dele derivam.

2. Da unidimensionalidade à multidimensionalidade: constructo e avaliação

Uma parte substancial das investigações que se debruçaram sobre a indecisão vocacional partiu do pressuposto de que a sua avaliação não constituía problema de maior.

Bastaria perguntar aos sujeitos se já tinham feito ou não uma escolha de carácter vocacional e, em função da sua resposta, classificá-los de decididos ou indecisos. Esta metodologia de avaliação traduz claramente uma concepção unidimensional da indecisão vocacional.

Todavia, ao longo dos últimos anos, um número crescente de autores e de investigações tem colocado em evidência a multidimensionalidade do constructo, chamando a atenção para a existência de vários tipos, factores, categorias ou dimensões, consoante a terminologia usada, de indecisão vocacional.⁴

Para Rojewski (1994), duas metodologias de investigação são as mais utilizadas no estudo da multidimensionalidade da indecisão vocacional: a análise factorial e a análise de *clusters*. A primeira tem sido empregue para determinar as dimensões subjacentes à indecisão vocacional, particularmente com a *Career Decision Scale* (Osipow *et al.*, 1976). Inicialmente, esta escala foi criada como parte de um programa de investigação que se destinava a conceber um sistema modular de auto-ajuda para indivíduos que se encontravam indecisos no plano vocacional (Osipow, 1987). O princípio do qual os autores partiram era o de que existia um número relativamente reduzido de problemas ou factores que impediria as pessoas de chegarem a uma decisão vocacional. Todavia, a estrutura factorial desta escala tem sido objecto de considerável controvérsia (Martin, Sabourin, Laplante, & Coallier, 1991; Shimizu, Vondracek, & Schulenberg, 1994), dificilmente permitindo uma avaliação multidimensional dos diversos factores antecedentes da indecisão vocacional, embora tenha sido este o propósito inicial que esteve na base da sua concepção (Winer, 1992).

A análise de *clusters*, estratégia empregue para identificar grupos homogéneos de indivíduos, tem sido igualmente utilizada na investigação das dimensões da indecisão vocacional. Por exemplo, Rojewski (1994), recorrendo a uma amostra de estudantes do 9º ano de escolaridade provenientes de um meio rural, identificou três grupos: decididos (*tentatively decided - crystallizing preferences*), provisoriamente indecisos (*transitional indecision*) e cronicamente indecisos (*chronic indecision - impaired development*).

Em síntese, a análise factorial e a análise de *clusters* têm permitido evidenciar diferentes grupos e categorias pelos quais os estudantes indecisos se podem distribuir, tendo estas duas metodologias de investigação a vantagem de poderem ser aplicadas a populações distintas, permitindo, desta forma, a comparação entre resultados.

Para além da análise factorial e da análise de *clusters*, uma terceira metodologia tem sido utilizada na investigação de subtipos de indecisão vocacional: a análise de casos clínicos (Johnson, 1990; Salomone, 1982). Este tipo de estratégia tem sido aplicado, essencialmente, à análise de uma categoria de indivíduos que integra um subtipo que poderemos designar de indecisão generalizada.⁵

A avaliação da indecisão vocacional acompanhou a crescente tendência para o reconhecimento da multidimensionalidade do constructo. Recentemente, uma nova geração de instrumentos procurou responder à necessidade de avaliar de forma mais eficaz os diversos factores antecedentes da indecisão vocacional. Jones (1989) criou o *Career Decision Profile*, na sequência de um anterior instrumento de Jones e Chenery (1980), partindo do pressuposto de que a avaliação do estatuto de decisão vocacional de um indivíduo implica abordar três questões essenciais: 1) até que ponto se encontra decidido quanto à escolha de uma profissão; 2) até que ponto se sente confortável acerca do percurso que já fez no que respeita ao seu processo de decisão; 3) que razões o indivíduo encontra para o facto de se encontrar decidido ou indeciso. Estas questões configuram, igualmente, os eixos de um modelo tridimensional do estatuto de decisão vocacional.

Posteriormente, surgiu o *Career Factors Inventory* (Chartrand, Robbins, Morril, & Boggs, 1990). À semelhança do anterior, este instrumento pretende avaliar, de uma forma

multidimensional, a indecisão vocacional. Partindo de uma revisão prévia da literatura Chartrand *et al.* (1990) identificaram quatro factores que têm sido sucessivamente referidos como podendo facilitar ou inibir o processo de decisão vocacional: ansiedade da escolha vocacional, indecisão generalizada, necessidade de informação vocacional e necessidade de auto-conhecimento. Os autores designam os dois primeiros factores como pessoais-emocionais, e os segundos como factores de informação.

Numa investigação sobre a comparação das estruturas factoriais da *Career Decision Scale*, do *Career Decision Profile* e do *Career Factors Inventory*, Stead e Watson (1993) concluíram que as duas últimas escalas possuem uma estrutura factorial bastante mais distinta e multidimensional do que a escala de Osipow *et al.* (1976).

Estes instrumentos abrem uma nova era na avaliação da indecisão vocacional que parece promissora. A sua existência implica um reconhecimento da complexidade do constructo da indecisão vocacional que dificilmente os primeiros investigadores da área poderiam admitir.

3. A conceptualização sistémica familiar do desenvolvimento vocacional

Paralelamente à crescente influência dos modelos ecológico-desenvolvimentais que se fizeram sentir na psicologia vocacional a partir da década de 80 (Law, 1981, 1991, 1993; Vondracek, Lerner, & Schulenberg, 1986), alguns autores sustentaram a utilidade da aplicação das teorias sistémicas familiares, oriundas da terapia familiar, ao comportamento vocacional (Bratcher, 1982; Zingaro, 1983).

Bratcher (1982) defende a utilidade da introdução do pensamento sistémico familiar com o objectivo de compreender melhor o papel da família nos processos de decisão vocacional dos indivíduos. A família comporta-se como um sistema aberto em que cada membro influencia e é influenciado pelos outros membros. Os conceitos de fronteira, homeostase, regras e mitos familiares, constituem ferramentas conceptuais importantes para a intervenção vocacional em vários domínios. Este autor assinala algumas situações relacionadas com as decisões vocacionais em que a conceptualização sistémica familiar pode ser útil. A primeira tem a ver a capacidade do sujeito em separar-se da sua família e tornar-se uma pessoa autónoma e independente. Esta capacidade relaciona-se intimamente com a maior rigidez ou flexibilidade das fronteiras do sistema familiar. *"Embora a questão da separação da família possa não ser o único factor envolvido, pode colocar-se a hipótese de ser um dos mais importantes na decisão de muito jovens"* (Bratcher, 1982, p. 89).

Uma segunda situação, intimamente relacionada com a primeira, relaciona-se com a maior ou menor capacidade do indivíduo em resistir às regras que o sistema familiar lhe tende a impor. Uma pessoa que tem a capacidade para desenvolver os seus próprios valores e crenças acerca do mundo, nomeadamente sobre as questões vocacionais, encontra-se numa posição privilegiada para saber o que quer da vida e de que forma pretende realizar-se profissionalmente.

Uma última situação na qual as teorias sistémicas familiares podem ser úteis reside na compreensão acrescida que podem permitir sobre as regras familiares que mantêm certos valores ou tradições. Determinadas famílias apresentam tradições muito marcadas no que respeita a algumas profissões.

Bratcher (1982) afirma ainda que a maior conclusão que se pode extrair da aplicação das teorias sistémicas familiares à intervenção vocacional é a de que os indivíduos são influenciados, no seu processo de decisão vocacional, por factores oriundos do seu meio familiar, muitas vezes de forma inconsciente. É útil que estes factores sejam equacionados no âmbito de um processo de consulta.

A aplicação das teorias sistémicas familiares à intervenção vocacional permitiu importar algumas das técnicas utilizadas na terapia familiar. Lopez (1983), por exemplo, ilustra um caso de utilização de técnicas paradoxais, normalmente empregues na terapia familiar estratégica, a um cliente que poderia ser englobado na categoria de indecisão generalizada, enquanto que Okiishi (1987) e Brown e Brooks (1991) propõem a utilização do genograma como instrumento de avaliação e intervenção no âmbito da consulta vocacional.

4. A conceptualização sistémica da indecisão vocacional

Lopez e Andrews (1987) propuseram uma explicação teórica da indecisão vocacional com base nas teorias familiares sistémicas. Para estes autores, as famílias dos estudantes que apresentam dificuldades no âmbito do processo de tomada de decisão podem apresentar características diferenciadas. Por vezes, constata-se um envolvimento excessivo dos pais em questões educacionais e vocacionais dos seus filhos, o que poderá traduzir uma fronteira excessivamente permeável entre o sub-sistema parental e filial. Noutros casos, um dos pais pode assumir uma posição compreensiva face à indecisão do jovem, enquanto o outro assume uma postura crítica. Trata-se, aqui, de uma coligação transgeracional, um padrão frequentemente associado a disfunções familiares.

A título hipotético, Lopez e Andrews (1987) descrevem algumas possíveis funções sistémicas desempenhadas pela indecisão vocacional. Uma possibilidade seria esta permitir à família adiar uma importante transformação do sistema familiar, ou seja, confrontar-se com a separação de um elemento do sistema, neste caso um filho ou uma filha.

Uma outra hipótese explicativa seria a indecisão vocacional permitir camuflar um conflito no seio da família, nomeadamente problemas e tensões ao nível conjugal. Face à crescente independência e separação dos filhos, que pode ser percebida como uma transformação ameaçadora para o sistema familiar, podem emergir problemas para o casal, nomeadamente quanto à forma de lidar com essa transformação.

Finalmente, a indecisão vocacional pode reflectir um esforço para lidar com questões multigeracionais não resolvidas. Com bastante frequência, o jovem tem dificuldades em optar por uma alternativa vocacional, uma vez que tem receio de desapontar um ou ambos os pais.

A indecisão vocacional, conceptualizada sob esta perspectiva, sofre um notável enriquecimento teórico. Em primeiro lugar, filia esta área de investigação no domínio mais genérico do desenvolvimento e autonomia do adolescente. Toma ainda em consideração a transformação do sistema familiar ao longo do ciclo de vida. Por outras palavras, reforça o enquadramento teórico da indecisão vocacional num eixo desenvolvimental.

Em segundo lugar, considera os contextos de vida, essencialmente o contexto familiar, como fundamentais na compreensão da dinâmica da indecisão vocacional.

Finalmente, permite relacionar a intervenção psicológica no domínio vocacional com outras áreas da consulta psicológica, nomeadamente com a psicoterapia, o que, de resto, constitui uma tendência que se tem constatado desde há alguns anos (Gysbers, 1984) e que se tem reforçado mais recentemente (Betz & Corning, 1993; Manuele, 1992; Tolsma, 1993).

Algumas investigações procuraram demonstrar empiricamente as relações entre variáveis de natureza familiar e o desenvolvimento e indecisão vocacionais (Blustein, Walbridge, Friedlander & Palladino, 1991; Eigen, Hartman & Hartman, 1987; Kinnier, Brigman & Noble, 1990; Penick & Jepsen, 1992). No seu conjunto, os dados destas investigações afiguram-se algo ambíguos e pouco consistentes.

Uma primeira explicação para este facto, que julgamos plausível, poderá residir na forma como foi avaliada a indecisão vocacional. A utilização de diferentes instrumentos e metodologias cuja equivalência levanta, por vezes, algumas dúvidas, pode ter contribuído para estes resultados.

Uma segunda explicação reside na forma como os investigadores conceptualizaram a indecisão vocacional. Com a excepção da investigação de Eigen *et al.* (1987), todos os restantes estudos partiram do pressuposto de que a indecisão vocacional é um constructo unitário. Se, eventualmente, procurassem relacionar variáveis de natureza familiar com diferentes tipos ou categorias de indecisão vocacional, poderemos admitir, pelo menos no plano das hipóteses, que tivessem chegado a resultados algo diferentes. Consideramos, como plausível, que os instrumentos de avaliação da indecisão vocacional de Jones (1989) e de Chartrand *et al.* (1990) possam permitir um aprofundamento desta linha de investigação.

5. Indecisão vocacional e possível evolução do constructo

As mutações que actualmente se verificam no mundo do trabalho e na estrutura socio-económica configuram uma transformação das sociedades industriais em sociedades "pós-modernas" e pós-industriais (Peavy, 1993). Naturalmente que uma tão profunda transformação tem reflexos imediatos nas pessoas e no seu desenvolvimento. A crescente tendência para mudar várias vezes de emprego ao longo da vida activa, de alternar períodos de emprego com períodos de desemprego ou de formação, de modificar o sistema educativo e de formação profissional para responder às exigências crescentes dos empregadores, constituem alguns elementos que caracterizam este quadro de mudança que se reflecte nos percursos vocacionais e de vida dos próprios indivíduos e mesmo na própria forma de conceptualizar a intervenção vocacional (Taylor, 1994; Vähämöttönen, Keskinen, & Parrila, 1994). Estas mudanças implicam, seguramente, um aumento das transições não normativas e um maior número de escolhas com que os indivíduos vão ter que se defrontar. É de admitir que nestes pontos de transição alguns sujeitos se sintam confusos perante diferentes alternativas e que a indecisão vocacional possa ser um constructo com uma aplicação crescente às populações adultas, como, de algum modo, está a suceder (Callanan & Greenhaus, 1992). Os adolescentes e jovens adultos parecem estar a perder o exclusivo de serem as únicas populações estudadas no âmbito da investigação sobre indecisão vocacional.

Uma outra linha de evolução que parece estar a esboçar-se é o aparecimento de novos instrumentos que avaliam constructos próximos da indecisão vocacional. Blustein, Ellis e Devenis (1989) sustentam que a fase do investimento (*commitment*) para com as escolhas vocacionais tem sido pouco investigada, contrariamente ao que sucedeu com a indecisão vocacional. Na sequência de uma revisão da literatura, estes autores criaram duas escalas para avaliar as dimensões de exploração vocacional e investimento e de tendência para a exclusão de opções (*tendency to foreclosure*). O processo de investimento é conceptualizado como um contínuo desenvolvimental que varia de uma fase de reduzido investimento e exploração relativamente às escolhas vocacionais, até uma fase de elevado investimento. A segunda dimensão avalia diferenças pessoais na tendência para excluir opções de carácter vocacional. Também esta é conceptualizada como um contínuo. Um dos pólos é caracterizado por uma forte tendência para excluir opções de carácter vocacional e o outro por uma abertura a experiências e alternativas diversificadas. As duas dimensões são concebidas como relativamente independentes uma da outra.

No decurso do processo de validação do instrumento, Blustein, Ellis e Devenis (1989) constataram que a *Vocational Exploration and Commitment Scale* apresentava correlações

significativas com a *Vocational Decision Scale* (Jones & Chenery, 1980), um instrumento criado para avaliar a indecisão vocacional, o mesmo não sucedendo com a *Tendency to Foreclosure Scale*. Para os autores, este resultado pode ser interpretado como significando que a indecisão vocacional é um constructo que, de algum modo, se sobrepe à finalidade exploratória da dimensão de exploração vocacional e investimento, enquanto que a tendência para *foreclosure* avalia a maior ou menor propensão para circunscrever as preferências vocacionais.

De igual modo, Serling e Betz (1990) desenvolveram uma escala para avaliar o medo do investimento. Esta dimensão foi definida como uma reduzida capacidade para tomar decisões importantes, nomeadamente as de carácter vocacional, devida à percepção dos resultados negativos consequentes ao processo de decisão. Estes resultados negativos incluem uma má realização, o perder alternativas, o efectuar uma escolha errada, o desagradar a pessoas significativas e não obter sucesso, entre outros possíveis.

O medo do investimento é conceptualizado como uma tendência estável que afecta o processo de decisão dos indivíduos em múltiplas áreas e uma variável que permitiria a distinção entre indecisão vocacional e indecisão generalizada.

Para a validação do instrumento de avaliação, as autoras colocaram as seguintes hipóteses, que testaram junto de uma amostra de estudantes universitários: o medo do investimento estaria positivamente correlacionado com a ansiedade e negativamente com a auto-estima; os estudantes indecisos (aqueles que ainda não tinham tomado nenhuma decisão quanto à área de especialização académica pela qual iriam optar) apresentariam valores superiores na *Fear of Commitment Scale* relativamente aos estudantes decididos; os estudantes que tinham mudado de área de especialização académica duas ou mais vezes apresentariam resultados mais elevados na escala do que aqueles que não tinham efectuado nenhuma mudança ou que tinham mudado apenas uma única vez. Esta última hipótese pretendia testar a capacidade do instrumento em distinguir a indecisão simples da indecisão generalizada, partindo do pressuposto de que as mudanças sucessivas de opções vocacionais seriam um indicador da indecisão generalizada.

Todas as hipóteses receberam confirmação empírica, com a excepção da última. A incapacidade da *Fear of Commitment Scale* em diferenciar a indecisão simples da indecisão generalizada poderá dever-se, segundo as autoras, ao pequeno número de sujeitos que relataram ter efectuado mudanças repetidas de opções vocacionais.

6. Conclusão

Apesar de já possuir uma longa história, o campo de investigação sobre a indecisão vocacional permanece bastante dinâmico, revelando, continuamente, novos desenvolvimentos. O constructo evoluiu, assumindo, no presente, características marcadamente multidimensionais. Simultaneamente, as investigações foram dando uma importância crescente aos processos que conduzem à indecisão e aos contextos, nomeadamente familiares, nos quais esta ocorre. Todavia, estes dois eixos de desenvolvimento teórico não parecem, ainda, ter-se interceptado, de forma significativa, no plano da investigação, perspectivando-se, assim, um campo de estudo particularmente interessante e promissor.

A conceptualização sistémica, embora ainda deficientemente validada no plano empírico, constitui um avanço assinalável relativamente a abordagens anteriores. Permite uma síntese entre a dimensão do desenvolvimento, não centrada exclusivamente no indivíduo, a dimensão do contexto e a intervenção psicológica de cariz psicoterapêutico, nomeadamente a sistémica familiar, emergindo como um importante quadro conceptual de investigação e intervenção na área do desenvolvimento vocacional.

NOTAS

- ¹ A utilização do termo vocacional é o equivalente, na nossa exposição, à palavra inglesa *career*. Embora reconhecendo que a expressão vocacional possa evocar uma perspectiva clássica de conceptualizar a Orientação Escolar e Profissional, pareceu-nos ser esta uma opção preferível à utilização da palavra carreira. Com efeito, este último termo não é ainda muito utilizado na linguagem científica portuguesa e possui um âmbito muito restrito quando aplicado à linguagem quotidiana. Fala-se frequentemente de “carreira artística” e “carreira desportiva”, mas não é vulgar encontrar expressões semelhantes.
- ² O sistema educativo americano apresenta marcadas diferenças relativamente ao que existe no nosso país. Em Portugal, é no final do 12º ano de escolaridade que o jovem deverá escolher um curso superior, se eventualmente ainda não efectuou a sua escolha, caso deseje prosseguir os seus estudos neste nível de ensino. Nos Estados Unidos da América, esta escolha processa-se já depois do estudante ter ingressado no Ensino Superior e cada uma das opções possíveis designa-se por *major*. Traduzimos esta expressão por área de especialização académica ou área de especialização para prosseguimento de estudos.
- ³ A referência a trabalhos que tentam relacionar a indecisão vocacional com os estatutos de identidade num capítulo dedicado à abordagem desenvolvimental, justifica-se pelo facto do trabalho de Marcia (1966, 1980, 1987), podendo, eventualmente, ser abordado numa perspectiva diferencial, constituir uma extensão da teoria desenvolvimental de Erikson (1968). Simultaneamente, cada um dos estatutos de identidade configura uma forma qualitativamente diferente, sob o ponto de vista desenvolvimental, de lidar com a questão da identidade.
- ⁴ Para uma apresentação bastante completa das diversas tipologias, ver Gordon (1995).
- ⁵ Traduzimos por indecisão generalizada aquilo que na literatura é geralmente designado por *indecisiveness*. O adjectivo generalizada pretende colocar em relevo duas dimensões. A primeira é de conteúdo, isto é, o indivíduo tem dificuldades em tomar decisões em várias áreas da sua vida que ultrapassam, em muito, o domínio vocacional. A segunda relaciona-se com o aspecto estrutural da indecisão enquanto característica estável da auto-organização do indivíduo. Infelizmente, não dispomos, na língua portuguesa, de um adjectivo equivalente à palavra *indecisive*.

REFERÊNCIAS

- ASHBY, J. D., WALL, H. W. & OSIPOW, S. H. (1966). Vocational certainty and indecision in college freshmen. *Personnel and Guidance Journal*, 44, 1037-1041.
- BAIRD, L. L. (1969). The undecided student - How different is he? *Personnel and Guidance Journal*, 47, 429-434.
- BETZ, N. E. (1992). Career assessment: A review of critical issues. In Steven D. Brown, & Robert W. Lent (Eds.), *Handbook of counseling psychology* (2nd ed.) (pp. 453-484). New York: Wiley.
- BETZ, N. E. & CORNING, A. F. (1993). The inseparability of “career” and “personal” counseling. *The Career Development Quarterly*, 42, 137-142.
- BLUSTEIN, D. L., DEVENIS, L. E. & KIDNEY, B. A. (1989). Relationship between the identity formation process and career development. *Journal of Counseling Psychology*, 36, 196-202.
- BLUSTEIN, D. L., ELLIS, M. V. & DEVENIS, L. E. (1989). The development and validation of a two-dimensional model of the commitment to career choices process [Monograph]. *Journal of Vocational Behavior*, 35, 342-378.
- BLUSTEIN, D. L., WALBRIDGE, M. L., FRIEDLANDER, M. L. & PALLADINO, D. E. (1991). Contributions of psychological separation and parental attachment to the career development process. *Journal of Counseling Psychology*, 38, 39-50.
- BORGEN, F. H. (1991). Megatrends and milestones in vocational behavior: A 20-year counseling psychology retrospective. *Journal of Vocational Behavior*, 39, 263-290.
- BRATCHER, W. T. (1982). The influence of the family on career selection: A family systems perspective. *Personnel and Guidance Journal*, 61, 87-91.
- BROWN, D. & BROOKS, L. (1991). *Career counseling techniques*. Boston: Allyn and Bacon.
- CALLANAN, G. A. & GREENHAUS, J. H. (1992). The career indecision of managers and professionals: An examination of multiple subtypes. *Journal of Vocational Behavior*, 41, 212-231.
- CHARTRAND, J. M. & CAMP, C. (1991). Advances in the measurement of career development constructs: A 20-year review. *Journal of Vocational Behavior*, 39, 1-39.
- CHARTRAND, J. M., ROBBINS, S. B., MORRIL, W. H. & BOGGS, K. (1990). Development and validation of the Career Factors Inventory. *Journal of Counseling Psychology*, 37, 491-501.
- CRITES, J. O. (1969). *Vocational psychology*. New York: McGraw-Hill.
- CRITES, J. O. (1981). *Career Counseling*. New York: McGraw-Hill.
- DOWNING, K. R. & DOWD, E. T. (1988). Career indecision: A summary of the research and implications for counselling. *British Journal of Guidance and Counselling*, 16, 145-156.
- EIGEN, C., HARTMAN, B. W. & HARTMAN, P. T. (1987). Relations between family interactions patterns and career indecision. *Psychological Reports*, 60, 87-94.
- ERIKSON, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton.
- GALINSKY, M. D. & FAST, I. (1966). Vocational choice as a focus of the identity search. *Journal of Counseling Psychology*, 13, 89-92.
- GORDON, V. N. (1981). The undecided student: A development perspective. *Personnel and Guidance Journal*, 59, 433-439.
- GORDON, V. N. (1995). *The undecided college student: An academic and career advising challenge* (2nd ed.). Springfield: Charles Thomas.
- GYSBERS, N. C. (1984). Major trends in career development theory and practice. In Gysbers, & Associates (Eds.), *Designing careers* (pp. 618-632). San Francisco: Jossey Bass.
- HARREN, V. A. (1979). A model of career decision making for college students. *Journal of Vocational Behavior*, 14, 119-133.
- JANIS, I. L. & MANN, L. (1977). *Decision making: A psychological analysis of conflict, choice and commitment*. New York: Free Press.
- JOHNSON, D. P. (1990). Indecisiveness: A dynamic, integrative approach. *The Career Development Quarterly*, 39, 34-39.
- JONES, L. K. (1989). Measuring a three-dimensional construct of career indecision among college students: A revision of the Vocational Decision Scale-The Career Decision Profile. *Journal of Counseling Psychology*, 36, 477-486.
- JONES, L. K. & CHENERY, M. F. (1980). Multiple subtypes among vocationally undecided college students: A model and assessment instrument. *Journal of Counseling Psychology*, 27, 469-477.
- KINNIER, R. T., BRIGMAN, S. L. & NOBLE, F. C. (1990). Career indecision and family enmeshment. *Journal of Counseling and Development*, 68, 309-312.
- LAW, B. (1981). Community interaction: A ‘mid-range’ focus for theories of career development in young adults. *British Journal of Guidance and Counselling*, 9, 142-158.
- LAW, B. (1991). Community interaction in the theory and practice of careers work. In Bárto P. Campos (Ed.), *Psychological intervention and human development* (pp. 151-162). Porto: ICPFD and Louvain-La-Neuve: Academia.
- LAW, B. (1993). Understanding careers work. *Career Development Quarterly*, 41, 297-313.
- LOPEZ, F. G. (1983). A paradoxical approach to vocational indecision. *Personnel and Guidance Journal*, 61, 410-412.
- LOPEZ, F. G. & ANDREWS, S. (1987). Career indecision: A family systems perspective. *Journal of Counseling and Development*, 65, 304-307.
- LOWE, B. (1981). The relationship between vocational interest differentiation and career undecidedness. *Journal of Vocational Behavior*, 19, 346-349.
- LUNNEBORG, P. W. (1975). Interest differentiation in high school and vocational indecision in college. *Journal of Vocational Behavior*, 7, 297-303.
- LUNNEBORG, P. W. (1976). Vocational indecision in college graduates. *Journal of Counseling Psychology*, 23, 402-404.
- MANUELE, C. (1992). Career counseling is personal counseling. *Career Development Quarterly*, 40, 313-323.
- MARCIA, J. E. (1966). Development and validation of ego identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, 551-558.
- MARCIA, J. E. (1980). Identity in adolescence. In J. Adelson (Ed.), *Handbook of adolescent psychology* (pp. 159-187). New York: Wiley.
- MARCIA, J. E. (1987). The identity status approach to the study of ego identity development. In Terry Honess & Krysia Yardley (Eds.), *Self and identity* (pp. 161-171). New York: Routledge & Kegan.

- MARTIN, F., SABOURIN, S., LAPLANTE, B., & COALLIER, J. C. (1991). Diffusion, support, approach, and external barriers as distinct theoretical dimensions of the Career Decision Scale: Disconfirming evidence? *Journal of Vocational Behavior*, 38, 187-197.
- NEIMEYER, G. J. & HEESACKER, M. (1992). Vocational development: Assessment and intervention in adolescent career choice. In C.E. Walker & M.C. Roberts (Eds.) *Handbook of clinical child psychology* (2nd ed) (pp. 661-676). New York: Wiley.
- OKIISHI, R. W. (1987). The genogram as a tool in career counseling. *Journal of Counseling and Development*, 66, 139-143.
- OSIPOW, S. H. (1987). *Manual for the Career Decision Scale*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- OSIPOW, S. H., CARNEY, C. G. & BARAK, A. (1976). A scale of educational-vocational undecidedness: A typological approach. *Journal of Vocational Behavior*, 9, 233-243.
- OSIPOW, S. H. & GOLD, J. A. (1967). Factors related to inconsistent career preferences. *Personnel and Guidance Journal*, December, 346-349.
- OSIPOW, S. H. & REED, R. (1985). Decision making style and career indecision in college students. *Journal of Vocational Behavior*, 27, 368-373.
- PEAVY, R. V. (1993). Envisioning the future: Worklife and counseling. *Canadian Journal of Counseling*, 27: 2, 123-139.
- PENICK, N. I. & JEPSEN, D. A. (1992). Family functioning and adolescent career development. *The Career Development Quarterly*, 40, 208-222.
- PERRY, W., Jr. (1970). *Intellectual and ethical development in the college years*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- ROJEWSKY, J. W. (1994). Career indecision for rural adolescents from disadvantaged and non disadvantaged backgrounds. *Journal of Counseling Psychology*, 41, 356-363.
- SALOMONE, P. R. (1982). Difficult cases in career counseling: II - The indecisive client. *Personnel and Guidance Journal*, 60, 496-500.
- SERLING, D. A. & BETZ, N. E. (1990). Development and evaluation of a measure of fear of commitment. *Journal of Counseling Psychology*, 37, 91-97.
- SHIMIZU, K., VONDRACEK, F. W. & SCHULENBERG, J. (1994). Unidimensionality versus multidimensionality of the Career Decision Scale: A critique of Martin, Sabourin, Laplante, and Coallier. *Journal of Career Assessment*, 2, 1-14.
- SILVA, J. M. T. (1994). Validade de um questionário de interesses expressos como medida da indecisão de carreira. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, n° 3, 371-390.
- SLANEY, R. B. (1988). The assessment of career decision making. In W.B. Walsh & S. H. Osipow (Eds.), *Career decision making* (pp. 33-76). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- STEAD, G. B. & WATSON, M. B. (1993). How similar are the factor structures of the Career Decision Scale, the Career Decision Profile, and the Career Factors Inventory? *Educational and Psychological Measurement*, 53, 281-290.
- SUPER, D. E. (1953). A theory of vocational development. *American Psychologist*, 8, 185-190.
- SUPER, D. E. (1957). *The psychology of careers*. New York: Harper & Row.
- SUPER, D. E. (1980). A life-span, life-space approach to career development. *Journal of Vocational Behavior*, 16, 282-298.
- SUPER, D. E. (1984). Career and life development. In D. Brown & L. Brooks (Eds.) *Career choice and development* (pp. 192-234). San Francisco: Jossey Bass.
- TAYLOR, K. F. (1994). Whatever happened to vocational guidance? *British Journal of Guidance and Counselling*, 22, 447-455.
- TAYLOR, K. M. & BETZ, N. E. (1983). Applications of self-efficacy theory to the understanding and treatment of career indecision. *Journal of Vocational Behavior*, 22, 63-81.
- TIEDEMAN, D. V. & O'HARA, R. P. (1963). *Career development: Choice and adjustment*. Princeton, NJ: College Entrance Examination Board.
- TOLSMA, R. (1993). "Career or noncareer?" That is the issue: Case examples. *The Career Development Quarterly*, 42, 167-173.
- TINSLEY, H. E. A. (1992). Career decision making and career indecision [Editorial]. *Journal of Vocational Behavior*, 41, 209-211.
- VÄHÄMÖTTÖNEN, T. T. E., KESKINEN, P. A. & PARRILA, R. K. (1994). A conceptual framework for developing an activity-based approach to career counselling. *International Journal for the Advancement of Counselling*, 17, 19-34.
- VONDRACEK, F. W., LERNER, R. M. & SCHULENBERG, J. E. (1986). *Career development: A life-span developmental approach*. London: Lawrence Erlbaum.
- VONDRACEK, F. W., SCHULENBERG, J., SKORIKOV, V., GILLESPIE, L. K. & WAHLEIM, C. (1995). The relationship of identity status to career indecision during adolescence. *Journal of Adolescence*, 18, 17-29.
- WINER, J. L. (1992). The early history of the Career Decision Scale. *The Career Development Quarterly*, 40, 369-375.
- ZINGARO, J. C. (1983). A family systems perspective for the career counselor. *Personnel and Guidance Journal*, 62, 24-27.